

## Revisitando a fonologia do copi: processos fonológicos envolvendo vogais e consoantes

Nelsa João Nhantumbo\*

**ORCID iD** [ORCID iD](https://orcid.org/0000-0002-1399-7968) orcid.org/0000-0002-1399-7968

**Resumo:** A sequência de sons vocálicos e consonânticos resulta, nalgumas línguas, em sequências indesejáveis. Como resultado dessa indesejável sequência, decorrem, em algumas línguas, fenómenos fonológicos tais como a elisão, inserção, semivocalização, palatalização e outros. A língua Copi (S63 na classificação de Guthrie 1967-71) é dessas línguas um exemplo, pois a sequência de sons vocálicos e consonânticos resulta na aplicação de processos fonológicos. No estudo, propomo-nos descrever os processos fonológicos decorrentes da sequência de sons vocálicos e/ou consonânticos, usando o modelo teórico da morfologia e fonologia lexical, aplicado a nível lexical. A análise e descrição será baseada nos dados recolhidos de entrevista à falantes nativos da língua. Esta metodologia será combinada à instropecção e bibliografias que versem sobre o tema em questão.

**Palavras-chave:** Fonologia; Vogais; Consoantes; Processos Fonológicos

### Revisiting the copi's phonology: phonological processes involving vowels and consonants

**Abstract:** The contiguity of vowel and consonant sounds in some languages results in undesirable sequences. As a result of this undesirable contiguity, in some languages, phonological phenomena such as elision, insertion, semivocalization, palatalization and others occur. The Copi language (S63 in the classification of Guthrie 1967-71) is an example of these languages, since the sequence of vowel and consonant sounds results in the application of phonological processes. In the study, we propose to describe the phonological processes resulting from the sequence of vowel and / or consonant sounds, using the theoretical model of lexical morphology and phonology, applied at the lexical level. The analysis and description will be based on data collected from interviews with native speakers of the language. This methodology will be combined with the instruction and bibliographies that deal with the subject in question.

**Keywords:** Phonology; Vowels; Consonants; Phonological Processes

### Kupfluxela fonolojiya ya cicopi: maprosesu yovhanganyisela mavhogali ni makonsowanti

**Cindimana:** Civhanganyiselo ca mavhogali ni makonsowanti, ka tidimi ta tingi, tipfali. Nguku tisipfaliku, kuhumelela, ka tidimi totala, maprosesu yotima, yobeta, yosemivokalizara, kumbe yopalatarizara. Lidimi la Cicopi (S63 ka Guthrie 1967-71), lidimi lofana ni ya ya mangi. Ka n'gondo yi hinakomba si simahakaku kucihumelela civhanganyiso ca mavhogali ni ca makonsowanti hicithumisa magondo ya morfolojiya ni fonologiya leksikali. N'gondo wuhumelete nguku wotisela vawombombi ya Cicopi, kugonda mabhuku mawombaku ti hinokombwa ka ndima yi ni kusikota kuwombomba Cicopi.

**Makhiya:** Fonolojiya; Voghali; Konsowanti; maprosesu ya fonolojiya

---

\* Doutorada em Linguística pela Universidade Eduardo Mondlane. Docente Universitária e investigadora na mesma universidade. Tem como área de interesse a Linguística Teórico-Descritiva das Línguas Bantu moçambicanas, com especial enfoque para a língua Copi (falada na região Sul de Moçambique, províncias e Gaza e Inhambane). Para além da Linguística teórico-descritiva tem interesse nas áreas de Lexicografia, Lexicologia e outras. Email: [nelsanhantumbo@gmail.com](mailto:nelsanhantumbo@gmail.com)

## Introdução

O estudo da fonologia constitui uma base de compreensão da gramática estrutural e funcional de uma língua, como mostram os trabalhos de LIPHOLA (2001), MEINHOF (1932), NGUNGA (1997, 2000, 2002), entre outros que procuraram abordar a estrutura e funcionamento de línguas bantu em termos fonológicos. A presente pesquisa tem como objectivo descrever a fonologia segmental da língua Copi (S63 na classificação de Guthrie 1967/71), discutindo concretamente as regras fonológicas que envolvem a sequências de consoantes e vogais.

Para a presente pesquisa foram tomados como base os seguintes métodos de trabalho: método de entrevista que consiste em o investigador apresentar uma lista de palavras e/ou frases na língua em questão ao informante e posterior transcrição; método filológico que consiste na pesquisa de dados bibliográficos de trabalhos relacionados com o tema, anteriormente escritos e o método de introspecção que consiste em recorrer ao conhecimento próprio do investigador, pois a língua em estudo é de domínio do pesquisador.

De referir que a teoria usada para explicar os processos foi a de fonologia e morfologia lexical (KIPARSKY 1982, 1985). Esta teoria assume que as regras fonológicas são aplicadas a diferentes níveis na gramática e o número de níveis pode variar de língua para língua. Geralmente existem regras que se aplicam a nível lexical (a nível da palavra) e regras que se aplicam a nível pós-lexical (a nível do sintagma ou da frase) e para a presente comunicação interessa-nos apenas o nível lexical.

Em termos organizativos o mesmo encontra-se disposto em: 1) Introdução, onde são apresentados aspectos gerais, os objectivos do trabalho, a metodologia usada no trabalho e o quadro teórico a ser usado; 2) Revisão da literatura, onde se apresentam de forma sucinta alguns conceitos básicos; 3) Fonologia Segmental da língua, onde se descrevem os processos/ modificações fonológicos decorrentes da sequência indesejável de sons (vocálicos) e da contiguidade de consoantes; 4) Conclusões e por último, as referências bibliográficas.

## I. Debatendo conceitos básicos

Um dos conceitos importantes neste trabalho, como foi referido na subsecção anterior, é o da fonologia que é definida por Hyman (1975), Ngunga (2002, p. 25), Katamba (1989, p. 1) como o estudo dos sistemas de som, sua estrutura, as regras que regem a sua combinação no sistema, bem como a sua função na comunicação.

O objecto de estudo da fonologia é o fonema, este que permite distinguir palavras de diferentes significados. É importante realçar que a fonologia estuda a função dos sons tanto segmentais assim como suprasegmentais. A fonologia suprasegmental é a que se preocupa com os aspectos que afectam mais do que um segmento tais como a sílaba, o acento, o tom; enquanto a fonologia segmental vai-se preocupar com o estudo dos sons vocálicos e sons consonânticos.

Para o presente trabalho incidir-nos-emos na fonologia segmental, isto é, no estudo das vogais e consoantes da língua Copi, incluindo as regras que regem a sua combinação na formação de unidades maiores (morfemas, palavras ou mesmo frases). Sendo então as vogais e as consoantes os elementos fundamentais da fonologia segmental é, deste modo, importante apresentar de uma forma clara as suas definições.

Assim, as vogais são definidas, segundo Ngunga (2006, p.12) como “sons produzidos sem nenhuma obstrução da corrente do ar em todo o seu percurso. Na produção deste tipo de sons a propagação do ar pulmonar egressivo é feita através das cordas vocais dentro da laringe por meio da extensão vocal”. Em bantu, considera-se que a língua ancestral (Proto-bantu) apresentava no seu sistema vocálico 7 vogais das quais, actualmente, em muitas línguas do mesmo grupo o sistema é de 5 vogais.

A sequência de vogais (hiato) é, por vezes, inaceitável em algumas línguas e quando tal acontece é à fonologia que se recorre, pois só esta pode explicar e resolver o hiato. Para além das vogais, viu-se que a nível segmental a fonologia apresenta-nos as consoantes que são definidas como sons produzidos com alguma obstrução à passagem do ar em algum ponto da cavidade bucal (NGUNGA, 2006). Em geral, as consoantes mostram uma maior constrição da extensão vocálica e menor proeminência do que as vogais.

Nas línguas bantu, estes sons podem combinar. Da combinação dos vários sons (vogais e consoantes) podem resultar fenómenos variáveis de língua para língua. Tais

fenómenos podem ser explicados pela fonologia, através de regras fonológicas aplicadas na resolução dessas combinações.

## I.Processos fonológicos envolvendo consoantes e vogais

Tal como em outras línguas, a língua Copi é sensível à contiguidade de sons e por vezes essa sequência é indesejada o que leva a língua a dispor de mecanismos que resolvam tal sequência. Outras vezes a sequência conduz à alteração das propriedades fonológicas dos sons em questão. Veja-se então, o que envolve esta contiguidade de sons em Copi.

### a) Vogais

Nesta subsecção são descritos o sistema vocálico e os processos fonológicos envolvendo sequências vocálicas. As vogais são sons em cuja produção a corrente do ar pulmonar egressivo não sofre nenhuma obstrução ao longo do seu percurso no tracto vocal (HICKEY s/d). Na produção deste tipo de sons a propagação do ar pulmonar egressivo é feita através das cordas vocais dentro da laringe por meio do tracto vocal.

Estudos das línguas bantu (HYMAN, 2003; MEEUSSEN, 1967 e outros) consideram que a língua ancestral (Proto-Bantu) apresentava no seu sistema vocálico 7 vogais que, em muitas línguas do mesmo grupo reduziram-se a 5. A língua copi apresenta cinco (5) vogais fonémicas conforme ilustra a tabela a seguir:

**Quadro1:** Vogais da língua copi.

	<b>Anterior</b>	<b>Central</b>	<b>Recuada</b>
<b>Altas</b>	I		u
<b>Médias</b>	E		o
<b>Baixa</b>		A	

**Fonte:** Ngunga e Faquir (2011).

A tabela acima mostra as cinco (5) vogais da língua copi, sendo: duas anteriores, uma central e duas posteriores, como ilustram os exemplos que se seguem:

- 1.a) **/a/:** Vogal central baixa  
 -sakana 'brincar'

- sala 'ficar'  
-dhaha 'medicar'
- b) /e/: Vogal anterior média semi-aberta  
-leka 'deixar'  
-seka 'rir'  
-hehela 'peneirar'
- c) /i/: Vogal anterior alta fechada  
-sina 'madrugar'  
-dziva 'saber'  
-dima 'cultivar'
- d) /o/: Vogal recuada média semi-aberta  
-dola 'furar'  
-sokola 'pilar (milho)'  
-n'ola 'pegar'
- f) /u/: Vogal recuada alta fechada  
-tura 'arder'  
-tsula 'ir'  
-tutuma 'correr'



Os dados acima (1a-f) mostram a ocorrência das cinco vogais em Copi. Nesta língua, embora a penúltima sílaba da palavra seja sempre longa, esta não é marcada na escrita, porque a duração não é fonémica, como mostram os exemplos abaixo:

- 2.a) /a/: Vogal central aberta  
-sakana [saka:na] 'brincar'  
-sala [sa:la] 'ficar'  
-dhaha [da:ha] 'medicar'
- b) /e/: Vogal anterior média semi-fechada  
-leka [lɛ:ka] 'deixar'  
-seka [sɛ:ka] 'rir'  
-hehela [hehɛ:la] 'peneirar'

- c) /i/: Vogal anterior alta fechada
- sina [si:na] 'apodrecer'
  - dziva [dzi:va] 'saber'
  - dima [di:ma] 'cultivar'
- d) /o/: Vogal posterior média semi-aberta
- doola [dɔ:la] 'furar'
  - sokoola [sɔkɔ:la] 'pila (milho)'
  - n'oola [ɲɔ:la] 'pegar'
- e) /u/: Vogal posterior alta
- tuura [tu:ra] 'arder'
  - tsuula [tsu:la] 'ir'
  - tutuuma [tutu:ma] 'correr'

Os dados em (2) mostram a ocorrência da vogal longa na penúltima sílaba da palavra. Como não há alteração do significado, diz-se que a duração não é fonémica em Copi.

Visto o sistema vocálico, passamos à descrição dos processos fonológicos que envolvem a contiguidade de vogais.

### 3.1.1.1. Processos fonológicos envolvendo vogais

Tal como em muitas línguas moçambicanas, Changana, Rhonga, Yaawo, Makhuwa, Makonde, e outras, a língua copi não é favorável à contiguidade de vogais. Por isso, quando tal acontece por razões morfossintáticas a língua resolve o hiato desfazendo a sequência, a partir de diversos mecanismos, entre os quais se podem mencionar os seguintes:

#### (i) Elisão

A contiguidade de duas vogais pode resultar na elisão de uma das vogais. Observemos os exemplos abaixo:

- 3.a) manu (cl6)3            /ma-inu/            'dente'
- maso (cl6)            /ma-iso/            'olhos'

cala (cl7)	/ci- <b>ala</b> /	‘unha’
sala (cl8)	/si- <b>ala</b> /	‘unhas’
b) -ditahoni	/ditaho- <b>ini</b> /	‘na esteira’
-n’namboni	/n’nambo- <b>ini</b> /	‘no rio’
c) ndzilani	/ndzila + ini/	‘na rua’
nyumbani	/nyumba + ini/	‘na casa’
ndzumani	/ndzuma + ini/	‘na chuva’
thembweni	/thembwe + ini/	‘na machamba’

Os exemplos em (3a) mostram a adjacência de vogais dos prefixos nominais e as vogais dos temas nominais onde se observa a elisão da vogal /i/ nas sequências /a+i/, /i+a/, /o+i/ e /e+i/. Em (b) e (c) são apresentados exemplos de elisão da vogal [i] do sufixo locativo (-ini-). Assim, a regra de elisão pode ser formalizada como se segue:

**Regra 1:** [+sil,+alt; +ant] → ∅ /  $\left[ \begin{array}{l} \_ [\alpha+\text{sil}] \\ [\alpha+\text{sil}] \_ \end{array} \right]$

A regra acima mostra que a vogal alta, anterior é elidida quando precedida ou seguida por uma vogal de qualquer natureza.

### (ii) Inserção

Outro processo que se pode verificar quando há adjacência de duas vogais é o da inserção, um fenómeno que consiste na colocação de uma glide entre as vogais em causa. A natureza da glide a ser inserida depende da natureza das vogais, tal como se pode observar nos exemplos que se seguem:

4.a) kuyengisa	/ku-engisa/	‘ouvir’
kuyengeta	/ku-engeta/	‘aumentar’
kuyema	/ku-ema/	‘parar’
kuyengetela	/ku-engetela/	‘aumentar’
b) kuyaneka	/ku-aneka/	‘estender’
kuyamukela	/ku-amukela/	‘receber’

Nos exemplos acima ilustra-se a sequência de uma vogal alta recuada e outra [-alta, -arred]. Em 4a) os dados representam a sequência da vogal [+alt, +arred] e a vogal [+/- alt, -arred] [e]. Em 4b), os exemplos ilustram uma sequência da vogal [+alt, +arred] e a vogal [+bx, -arred] [a].

Portanto, há inserção de uma semivogal palatal quando a vogal alta recuada é seguida de uma vogal não arredondada (/e, a/) como ilustram os exemplos em 4a) e b), respectivamente, uma regra que se pode formalizar como se segue:

**Regra 2:**  $\emptyset \rightarrow [-\text{sil}; +\text{alt}, +\text{ant}] / [+ \text{sil}] \text{ — } [+ \text{sil}; -\text{arr}; -\text{alt}]$

A regra acima mostra que as vogais não arredondadas (/e, a/) constituem uma classe natural diferente da classe das vogais arredondadas, como ilustram os exemplos que se seguem:

5.a)	kuwola	/ku-ola/	'recolher lixo'
	kuwomba	/ku-omba/	'fazer queixa'
b)	kuwuka	/ku-uka/	'acordar'
	kuwulela	/ku-u-lela/	'entrar'



Em 5 a vogal [u] é seguida de vogais [+arred], sendo que em a) a vogal que segue é [+/-alta] e em b) a vogal seguinte é [+alt].

Como se pode observar, quando a segunda vogal na sequência é arredondada (/u, o/), insere-se a semi-vogal lábio-velar (/w/) para resolver o hiato.

**Regra 3:**  $\emptyset \rightarrow [+/-\text{sil}; +\text{lab}] / [+ \text{sil}] \text{ — } [+ \text{sil}; +\text{arr}]$

Como se pode observar nos exemplos acima, independentemente da sua qualidade, quando uma vogal precede ou segue a vogal alta arredondada [u] forma-se um hiato que é resolvido através da inserção de uma glide cujos traços são determinados pela qualidade da vogal envolvida. No caso a vogal envolvida é a [+alt, +arred] e define a entrada da semi-vogal [w].

Como se vê, as duas regras de inserção de semi-vogal podem ser fundidas numa só, mais geral, que toma em conta dos fenómenos aqui descritos, da seguinte maneira:

**Regra 4:**  $\emptyset \rightarrow [-\text{sil}, \alpha\text{arr}] / [+sil] \text{ — } [+sil]$

Uma observação para a natureza da primeira vogal permite notar que se trata de uma vogal [+alta; +rec] que, quando seguida por uma outra vogal condiciona a inserção de uma glide. Essa glide pode ser [w] quando as vogais envolvidas são arredondadas e [y] quando uma das vogais é não arredondada. Portanto, a escolha da semivogal não é feita de forma aleatória, ela é definida pela qualidade das vogais envolvidas.

Outro processo envolvido na resolução de sequências vocálicas indesejadas é o da semivocalização.

### (iii) Semivocalização

Um outro processo que se aplica na resolução de hiatos é o da semivocalização, descrito como a perda, por um segmento vocálico, do traço [+sil] (HYMAN, 1975). Em Copi, a sequência de vogais pode também resultar na perda de traço vocálico por uma das vogais, como se ilustra a seguir:

- |      |            |               |              |
|------|------------|---------------|--------------|
| 6.a) | mwanana    | /mu-anana/    | 'criança'    |
|      | mwani      | /mu-ani/      | 'genro'      |
| b)   | thombwini  | /thombvu-ini/ | 'no nariz'   |
| c)   | cibhajyana | /cibhaji-ana/ | 'vestidinho' |
|      | simatyana  | /si-mati-ana/ | 'pouca água' |

Como se pode verificar nos exemplos em (6a e 6b), a vogal /u/ realiza-se como semi-vogal lábio-velar, uma regra que pode ser representada como se segue:

**Regra 5:**  $[+\text{sil}, +\text{rec}] \longrightarrow [-\text{sil}] / \_ [+ant]$

A regra acima mostra a perda de traço [+sil] por uma vogal tornando-se [-sil]. Quando a vogal em causa é [+arr], a semivogal daí resultante é lábio-velar (6a, b), e quando a vogal envolvida é não arredondada, a semivogal resultante é palatal (6c).

Portanto, mais uma vez, a escolha da glide não é aleatória, só a vogal [+alt; +ant] é que se realiza semivogal palatal /y/ e a vogal [+alt; +rec] realiza-se semivogal lábio-velar /w/.

#### iv. Fusão ou Coalescência

A fusão ou coalescência dá-se quando “a sequência de duas vogais resulta numa outra vogal que tiver as características das duas que estão na sua origem, sendo as duas vogais de qualidades diferentes”, (LANGA 2013, p.64). Se as vogais do *input* forem da mesma qualidade, a vogal resultante é da qualidade destas (NGUNGA, 2000).

Em Copi, a regra de fusão aplica-se em contextos derivados, quando uma vogal baixa [a] é seguida por uma vogal alta [u] como ilustram os exemplos abaixo:

- |    |          |               |                  |
|----|----------|---------------|------------------|
| 7. | sodya    | < sa kudya    | ‘de comer’       |
|    | cokarata | < ca kukarata | ‘de ser difícil’ |
|    | yotshura | < ya kutshura | ‘de ser bonito’  |
|    | tobiha   | < ta kubiha   | ‘de ser feio’    |
|    | dosina   | < da kusina   | ‘de ser podre’   |

Nos exemplos em (7) são trazidas construções genitivas marcadas pela partícula **-a**. Esta partícula é acompanhada de uma consoante do prefixo da classe do nome a que se refere. Nos exemplos acima, os nomes têm como prefixos de classes os seguintes: Cl<sub>8</sub> (si-); Cl<sub>7</sub> (ci-); Cl<sub>9</sub> (yi-); Cl<sub>10</sub> (ti-) e Cl<sub>5</sub> (di-).

A vogal da partícula genitiva funde-se com a vogal da marca do infinitivo **ku-**, depois de se elidir a respectiva consoante. A vogal [-alt, -bxa, +rec] resulta da fusão da vogal [+bxa] com a vogal [+alt] como se pode ilustrar no exemplo seguinte:

8. cokarata ‘de ser difícil’
- Morfologia: genitivização (-a) ca kukarata
- Fonologia: elisão de /k/ ∅ → caukarata
- Fonologia: fusão de /a/ e /u/ cokarata
- Output: cokarata

O esquema acima demonstra o processo de que resulta a fusão a vogal /o/ a partir da fusão das vogais /a/ e /u/. Como ponto de partida, aplicou-se a morfologia na colocação da partícula genitiva (**ca**) ao verbo **kukarata** para significar ‘ser difícil’. De seguida, há um processo fonológico (elisão) que afecta a consoante do prefixo do infinitivo **ku-**. Elidida a consoante ([k]), as vogais da partícula genitiva ([a]) e do verbo ([u]) ficam contíguas, um hiato que, como regra obrigatória, é resolvido através da fusão de que resulta a vogal média recuada.

O processo de fusão acima descrito pode ser resumido na seguinte regra:

$$\text{Regra 6: } [+sil, +bxa] \longrightarrow [-alt, -bxa] / [+sil, +bxa] + [+sil, +alt]$$

Ou

$$[+sil, +bxa] + [+sil, +alt] \longrightarrow [-alt, -bxa]$$

$$\emptyset \longrightarrow [-alt, -bxa] / [+sil, +bxa] + [+sil, +alt]$$

De acordo com os dados acima, podemos concluir que na língua *copi* o hiato pode ser resolvido através de processos como a inserção, a elisão, fusão e a semivocalização. Cada um destes processos é condicionado pela qualidade das vogais envolvidas.

### 3.1.2. Sistema Consonântico

Após uma análise do comportamento dos sons vocálicos, passaremos em seguida a analisar o comportamento dos sons consonânticos, procurando ver os processos fonológicos que os envolvem. Segundo Hickey (s/d), consoantes são sons cuja produção envolve alguma constrição no tracto vocal. Clark e Yallop (1991) definem consoantes como sons em cuja produção a passagem do ar encontra obstáculo em algum ponto na cavidade bucal (Cf. Ngunga, 2002, 2004, 2014). Para Clark e Yallop (1991), as consoantes apresentam, em geral, uma maior constrição e menor duração que as vogais.

De acordo com Meeussen (1967), o proto-bantu apresenta um sistema consonântico relativamente simples como o que se ilustra a seguir:

p	t	c	k
b	d	j	g
m	n	ɲ	

Tal como as vogais, os sons acima também se podem combinar, sobretudo as consoantes nasais com as orais. Da combinação dos sons (consoantes) podem resultar fenómenos que variam de língua para língua. Tais fenómenos podem ser explicados pela fonologia, através de regras (fonológicas) que se aplicam com vista a assegurar o conforto comunicacional, isto é, evitando as diferenças acentuadas que dificultem a pronúncia das palavras e também as semelhanças demasiado acentuadas que confundam uns sons por outros. A tabela que se segue apresenta os símbolos gráficos que representam sons da língua copi tal como adoptado nos sucessivos seminários sobre a padronização da ortografia de línguas moçambicanas (NELIMO, 1989; SITO E NGUNGA, 2000; NGUNGA & FAQUIR 2011).

**Quadro 2:** Consoantes da língua Copi

<b>Modo</b> <b>Ponto</b>	<b>Bilabial</b>	<b>Labio-dental</b>	<b>Alveola</b>	<b>Palatal</b>	<b>Velar</b>	<b>Glotal</b>
<b>Oclusiva</b>	p bh	t dh	c j	k g		
<b>Nasal</b>	M	n	ny	n'		
<b>Fricativa</b>		f vh	s z	x		h
<b>Africada</b>	ps bz	pf bv	ts dz			
<b>Implosiva</b>	B		d			
<b>Vibrante simples</b>			r			
<b>Aproximante</b>	v			y	w	
<b>Aproximante Lateral</b>			l			

**Fonte:** Adaptado de Ngunga e Faquir ( 2011)

De salientar que as oclusivas bh e dh representam as consoantes oclusivas explosivas ([b], [d], respectivamente) para se distinguirem das implosivas [ɓ] e [ɗ], que na ortografia da língua copi se escrevem b e d, respectivamente, como se pode ver a seguir:

9. kub <b>h</b> ika	cf.	kub <b>b</b> ika
[b]		[ɓ]
‘cozinhar’		‘apresentar queixa’
kud <b>h</b> aha	cf.	kud <b>d</b> ola
[d]		[ɗ]
‘fumar’		‘furar’

O mesmo se dá com a fricativa lábio-dental [v] que se escreve vh para se distinguir da aproximante lábio-dental [ʋ] que se escreve v.

10. a) kuv <b>e</b> ka	cf.	b) kuv <b>h</b> una
[ʋ]		[v]
‘pôr’		‘ajudar’



O exemplo em (10b) mostra a ocorrência da fricativa lábio-dental [v], na língua copi. Esta fricativa distingue-se da aproximante lábio-dental [ʋ], descrita em (10a). Tal distinção é marcada também na ortografia tal como ilustram os exemplos em (10). Descrito o sistema consonântico, em seguida passamos a analisar os processos fonológicos que envolvem as consoantes.

### 3.1.2.1. Processos fonológicos envolvendo consoantes

Tal como nas vogais, quando a morfologia ou a fonologia da língua criam condições que resultam na adjacência de alguns sons, podem ocorrer algumas alterações na realização destes. Por exemplo, a elisão de uma vogal que seja núcleo de uma sílaba cujo ataque seja uma nasal, pode resultar na adjacência da nasal a uma consoante, constituindo um fenómeno conhecido por pré-nasalização, que se descreve a seguir.

### (i) Pré-nasalização

A **pré-nasalização** é a ocorrência de uma nasal cujo ponto de articulação depende do ponto de articulação da consoante imediatamente a seguir, como ilustram os exemplos:

- |       |                  |            |
|-------|------------------|------------|
| 11.a) | <b>[n]</b> dzala | ‘fome’     |
|       | <b>[n]</b> rumbu | ‘barriga’  |
|       | <b>[n]</b> suka  | ‘mosquito’ |
| b)    | <b>[ŋ]</b> kondo | ‘pé’       |
|       | <b>[ŋ]</b> guwo  | ‘capulana’ |
| c)    | <b>[m]</b> biya  | ‘loíça’    |
|       | <b>[m]</b> pupu  | ‘farinha’  |

Os exemplos acima mostram que em (11a) a nasal realiza-se como alveolar [n] por causa de as consoantes seguintes serem alveolares [dz, r, s]. Em (11b) a nasal realiza-se como velar [ŋ] por preceder consoantes alveolares, velares [k, g].

Em (11c) a nasal realiza-se como labial [m] porque as consoantes seguintes são labiais [b, p]. Nos casos descritos, as nasais dizem-se homorgânicas porque se realizam no mesmo ponto de articulação da consoante seguinte, o que se pode formalizar da seguinte maneira:

**Regra 7:** [+nasal] → [α lugar] / \_\_ [-nasal, α lugar]

Esta regra revela que uma nasal assimila o ponto de articulação (lugar) da consoante seguinte, ou seja, a nasal toma os traços da consoante seguinte. Para além da assimilação do ponto de articulação, a co-ocorrência de consoantes pode resultar na elisão de uma delas. Veja-se a seguir.

### (ii) Elisão

Um outro processo que decorre da sequência de consoantes é o da elisão. Este processo tal como nas vogais ocorre em alguns verbos quando se afixa o morfema marcador do passado **-il-e**, como se ilustra a seguir:

12.a)	-dhan-	-dhan-e	/-dha-il-n-e/	‘chamar’
	-khur-	-khur-e	/-khu-il-r-e/	‘saciar’
	-won-	-won-e	/-wo-il-n-e/	‘ver’
b)	-bhala	-bhat-e	/-bha-it-l-e/	‘escrever’
	-fenengela	-fenenget-e	/-fenenge-it-l-e/	‘cobrir’
	-pfala	-pfat-e	/-pfa-it-l-e/	‘fechar’
	-duketa	-duket-e	/-duke-it-t-e/	‘experimental’
	-gubhuta	-gubhut-e	/-gubhu-it-t-e/	‘sacudir’
	-xota	-xot-e	/-xo-it-t-e/	‘caçar’

Os exemplos em (12a) mostram a formação do passado com o morfema **-il-e** e em (12b) mostram verbo cuja formação do passado é feita morfema **-it-e**, mas em ambos os casos há uma imbricação (BASTIN, 1986; HYMAN, 1992; NGUNGA, 1998) e, conseqüentemente, uma elisão da consoante // ou /t/ da marca de tempo. Nos termos da teoria de Fonologia e Morfologia Lexical (KIPARSKY 1982, 1985; NGUNGA 2000, ODDEN S/d), este processo pode ser ilustrado da seguinte forma:

### 13. -CVC-

- |      |              |                            |            |
|------|--------------|----------------------------|------------|
| i.   | Morfologia:  | Afixação de -il-:          | -CVC-il-e  |
| ii.  | Fonologia 1: | Imbricação:                | -CV-il-C-e |
| iii. | Fonologia 2: | Elisão da consoante da MT: | -CV-i-C-e  |
| iv.  | Output:      |                            | -CV-iC-e   |

O processo representado acima mostra que um radical do tipo -CVC- afixa-se o morfema **-it-e** (i). A fonologia move o morfe (-iC) da marca de tempo para o interior da raiz verbal, um processo conhecido por imbricação (BASTIN 1986, HYMAN 1992, NGUNGA 1998), pois coloca a coda da última sílaba do radical antes da vogal final da marca do passado (ii). De seguida a consoante da marca de tempo é elidida (iii). Finalmente, o resultado final ou *output* desta operação é apresentado em (iv).

### 14.

- i. -pfal-it-e
- ii. -pfa-it-l-e

- iii. -pfa-it-e
- iv. -pfa-t-e
- v. -pfate

O exemplo acima (14) ilustra o processo de imbricação anteriormente descrito. Note-se que entre os exemplos em iii e iv há um outro processo de elisão da vogal [i] do sufixo de tempo –it-e. Esta elisão resulta do hiato que se verifica entre a vogal do radical e a vogal da marca do tempo.

É importante referir ainda que nesta língua as consoantes simples podem sofrer modificações, entre as quais a labialização, velarização e palatalização conforme se pode observar a seguir:

### (iii) Labialização

A labialização, segundo Ngunga (2002), verifica-se quando na produção das consoantes há um ligeiro arredondamento dos lábios. Ainda segundo o mesmo autor só se labializam as consoantes não-labiais.

- |     |                |         |
|-----|----------------|---------|
| 15. | <b>kokwani</b> | ‘avó’   |
|     | <b>dirigwi</b> | ‘pedra’ |
|     | <b>kunwa</b>   | ‘beber’ |



Os exemplos em (15) mostram a alteração que as consoantes [-lab] sofrem devido a presença da consoante [+lab]. Esta alteração pode ser descrita na seguinte regra:

**Regra 8:** [-lab] → [+lab] / \_ [+lab]

Esta regra revela que consoantes não labiais ([-lab]) tornam-se labializadas sempre que ocorrem antes de um som lábio-velar.

Quando as consoantes labiais precedem um som lábio-velar, a consoante labial torna-se velarizada, como se pode ver a seguir.

**(iv) Velarização**

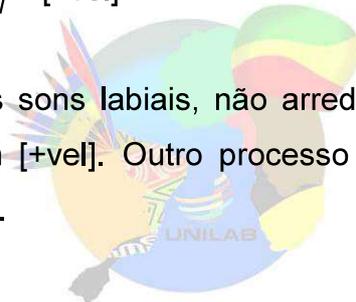
As consoantes labiais, porque não podem ser labializadas, geralmente são velarizadas, isto é, quando precedem sons velares. Vejam-se os seguintes exemplos:

16. yimb**wa** 'cão'  
 ndzamb**wa** 'lixo'  
 kup**wata** 'estar em falta/ ser preciso'

Os exemplos em (16) mostram a modificação das consoantes oclusivas [p e b]. Estas consoantes são descritas como labiais e, quando seguidas da semivogal lábio-velar, tornam-se também velarizadas. A regra que dá conta do fenómeno acima descrito segue-se abaixo:

**Regra 9:** [+lab -arr] → [+vel] / – [+vel]

Esta regra define que os sons labiais, não arredondados, tornam-se velarizados em contexto antes de um som [+vel]. Outro processo que decorre do encontro entre consoantes é o da palatalização.



**(v) Palatalização**

Para além das modificações já referidas, há também a palatalização que na escrita é marcada por /y/, como mostram os seguintes exemplos:

17. yip**hya** 'algo novo'  
 lib**hyasu** 'vara'  
 kud**ya** 'comer'

Os exemplos acima (17) ilustram a modificação dos sons labiais pela aproximante palatal. esta modificação dá-se por conta da presença da semivogal palatal [j]. E a regra que dá conta dessa modificação é:

**Regra 10:** [+cons -cont; -cor] → [+cor] / – [-cons; +cont; +cor]

Esta regra indica que uma consoante [-cont, -cor] realiza-se [+cor] quando seguida de uma semivogal [+cor]. Estas são as modificações decorrentes da contiguidade de sons consonânticos na língua copi.

## Conclusão

O trabalho que se apresentou tinha por objectivo descrever os processos bem como as modificações fonológicas decorrentes da sequência de sons, quer vocálicos, quer consonânticos na língua copi. E tais objectivos foram alcançados.

Apresentados os sistemas vocálico e consonântico da língua copi, e verificados os dados podemos concluir que: o sistema vocálico da língua copi compreende 5 vogais, sendo duas anteriores, uma central e duas posteriores. Embora a penúltima sílaba seja sempre longa, esta nunca é marcada pois, a duração vocálica na língua copi não é fonémica; a sequência indesejada de vogais (hiato) resulta em diversos processos como elisão, semivocalização, inserção e fusão. Os processos resultantes decorrem da morfologia quer derivacional, quer flexional da língua, bem como da qualidade das vogais envolvidas.

As consoantes em Copi quando sequenciadas resultam numa modificação fonológica das mesmas, podendo ser labializadas, palatalizadas, velarizadas, elididas ou ainda pré-nasalizadas. A pré-nasalização é marcada pela presença da nasal homorgânica, ou seja, uma nasal que assimila o ponto de articulação da consoante seguinte.

A elisão de consoantes resulta de um outro processo fonológico, a imbricação, que se verifica pela afixação do morfema do passado a alguns verbos. A labialização dá-se quando uma das consoantes em caus tem o traço [+labial] e a velarização acontece com as consoantes labiais em sequência com as velares.

Portanto, tal como em muitas línguas, a língua copi é também susceptível a fenómenos fonológicos quando condições morfofonológicas estiverem criadas. Estas condições determinarão o tipo de processo e qualidade das vogais ou consoantes resultantes da aplicação dos mesmos processos.

## Referências

- BASTIN, Y. **La finale verbale – ide et l'imbrication en Bantou**. Serie in 8° Sciences Humaines, nº 114. Annales du Musée Royal de L'Afrique Centrale, Tervuren, 1983.
- CLARK, J. & YALLOP, C. **An Introduction to Phonetics and Phonology**. Oxford: Basil Blackwell, 1990.
- GUTHRIE, M. **Comparative Bantu: an introduction to the comparative linguistics and prehistory of the Bantu languages**. Vols. I-IV. Claredon: Oxford University, 1976/71
- HYMAN, L. M. **Phonology: Theory and Analysis**. New York: Holt, Rinehart and Winston, 1975.
- KATAMBA, F. **An Introduction to Phonology**. London: Longman, 1989.
- KIPARSKY, P. **Lexical Morphology and Phonology**. Linguistics in the Morning Calm. The Linguistics Society of Korea. Seoul, Hanshin Publishing Co., 1982
- KIPARSKY, P. Some Consequences of Lexical Phonology. **Phonology Yearbook**. Vol.2. CUP, p 85-136, 1985. Disponível em: <<https://www.jstor.org/stable/4419953?seq=1>>. Acesso em 25 abr.2021.
- LANGA, D. **Morfologia do Verbo em Changana**. Coleção: As Nossas Línguas. Maputo: CEA/UEM, 2013.
- LIPHOLA, M. M. **As Línguas Bantu de Moçambique: Uma Pequena Abordagem do Ponto de Vista Socio-linguístico**. São Paulo: Unicamp-Campinas. 1988.
- LIPHOLA, M. M. **Aspects of phonology and morphology of Shimakonde**. Ohio: Ohio State University. (Tese de Doutorado não publicada), 2001.
- MEINHOF, C. **Introduction to the phonology of the bantu languages**. Berlin: Verlag von Dietrich Reiner. 1932
- MEUSSEN, A. **Bantu Grammatical Reconstructions**. Tervuren: Annales du Musée Royale de L'Afrique Centrale. 1967.
- NGUNGA, A. **A lexical phonology and morphology of the ciyao verb stem**. Berkeley: UMI 1997.
- \_\_\_\_\_. **Phonology and Morphology of the Ciyao Verb**. California: CSLI Publications. Leland Stanford University. 2000.
- \_\_\_\_\_. **Elementos da Gramática da Língua Yao**. Maputo: Imprensa Universitária-UEM. 2002.

\_\_\_\_\_. **Introdução à Linguística Bantu**. Imprensa Universitária-UEM. Maputo. 2004.

\_\_\_\_\_. **Introdução à Linguística Bantu**. 2ª Edição. Imprensa Universitária-UEM. Maputo. 2014.

NGUNGA, A. & FAQUIR, O. (eds) **Padronização da Ortografia de Línguas Moçambicanas: Relatório do III Seminário**. Coleção “As Nossas Línguas” III. Maputo: Centro de Estudos Africanos. Universidade Eduardo Mondlane, 2011.

ODDEN, D. **Phonological Typology and Naturalness**. S/L: S/E. 2003.

SITOE, B. & NGUNGA, A. (eds). **Relatório do II Seminário sobre a Padronização da Ortografia das Línguas Moçambicanas**. Maputo: NELIMO/UEM, 2000.

Recebido em: 01/03/2021

Aceito em: 24/04/2021

Para citar este texto (ABNT): NHANTUMBO, Nelsa João. Revisitando a fonologia do copi: processos fonológicos envolvendo vogais e consoantes. **Njinga & Sepé**: Revista Internacional de Culturas, Línguas Africanas e Brasileiras. São Francisco do Conde (BA). v.1, nº 1, p.231-250, jan./jun. 2021.

Para citar este texto (APA): Nhantumbo, Nelsa João. (2021, jan./jun.). Revisitando a fonologia do copi: processos fonológicos envolvendo vogais e consoantes. *Njinga & Sepé: Revista Internacional de Culturas, Línguas Africanas e Brasileiras*. São Francisco do Conde (BA). 1(1): 231-250.